

Um verão especial

GRACIANO PEREIRA | FÁBULA COSTA

JMJ LISBOA 2023

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

VEMO-NOS EM AGOSTO DE 2023!

1 - 6 AGOSTO

Logos: LISBOA, LOUVRES, LISBOA2023.ORG

«Maria levantou-se e partiu apressadamente»
Lc I, 39

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Rita Loureiro Azevedo
Vitória Almada

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Um verão especial

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Domingos de Verão
8	2 Julho - Domingo XIII do T.C.
12	9 Julho - Domingo XIV do T.C.
16	16 Julho - Domingo XV do T.C.
21	23 Julho - Domingo XVI do T.C.
25	30 Julho - Domingo XVII do T.C.
29	6 Agosto - Domingo XVIII do T.C.
33	13 Agosto - Domingo XIX do T.C.
38	15 Agosto - Assunção da Virgem Santa Maria
42	20 Agosto - Domingo XX do T.C.
47	27 Agosto - Domingo XXI do T.C.
	PARTE II
54	Introdução
55	Mensagem do Santo Padre Francisco para a XXXVII Jornada Mundial da Juventude 2023
59	História da Jornada Mundial da Juventude
61	Os desafios do lema das JMJ de Lisboa - Cardeal D. José Tolentino Mendonça
64	Programa Oficial da Visita do Papa

História de um verão para ser vivido intensamente

Está para chegar um verão surpreendente! Curiosamente ainda não chegou, mas estamos à sua espera há tantos anos que parece que já o estamos a viver pela intensidade de vida com que o preparamos.

Um verão histórico para Portugal, para a Igreja portuguesa, para congregações, comunidades religiosas, paróquias, movimentos, voluntários – jovens e adultos –, e jovens de todo o mundo que, como peregrinos, vêm a Portugal.

Acho que, em todos, há um desejo: viver uma experiência de Fé contagiante, sentir uma Fé universal que a todos dá sentido. Com a alegria de contar com a presença do nosso querido Papa Francisco.

Todos sabemos o que é a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), alguns dos que estão a ler, provavelmente, já participaram em alguma. O que, seguramente, não sabem é o imenso trabalho, empenho e dedicação que esta preparação implica. Todo este trabalho já faz parte da JMJ, já é viver a JMJ há anos, com meses, dias e horas a fio de trabalho já feito. E todo este empenho e o muito que temos ainda pela frente a partir deste momento, já é viver a JMJ Lisboa 2023.

O que podemos fazer, os que não estamos na linha de frente?

- Divulgar: ninguém em Portugal deve ficar sem saber o que vai acontecer.

- Acolher: já há muitas pessoas que o vão fazer nas suas casas e vão ter uma experiência fantástica! Mas os que não podem fazer isso podem acolher de coração e podem sempre sorrir e saudar os milhares de jovens que vamos encontrar pelas ruas. Somos os anfitriões!

- Sabem... seguramente vai fazer calor, porque a JMJ vai ser de 1 a 6 de agosto. Não podem imaginar quão bem sabe um copinho de água fresca a um peregrino sedento! Eu já experimentei e é uma delícia...

- A cidade vai estar cheia de jovens, vai ser difícil caminhar, ir de transportes públicos, vai haver cânticos, algum barulho. Mas não se chateiem, quem não puder aderir, pode sentir a sua alegria e alegrar-se com eles.

- Algo que não deveria acontecer, mas que provavelmente vamos ver será algum lixo e uma cidade pouco limpa. Sim, mas vamos ter paciência e compreensão.

- Vejam os programas da JMJ, com coisas lindíssimas nas quais todos podemos participar, por isso...vamos!

- Caso não possam deslocar-se, podem ver, nos meios de comunicação social, a programação da JMJ e assistir a partir de casa: pode ser um bom programa.

- Há muitas coisas a fazer, sejamos criativos.

- Deixo para o fim desta lista algo muito importante e que devemos fazer desde já: REZAR, falar com Deus sobre o que Ele quer destes jovens, rezar pela nossa Igreja para que todas as paróquias estejam abertas a este espírito de missão evangelizadora dos jovens e, por contágio, também das famílias e de toda a sociedade.

Depois de tanto trabalho, esforço, dedicação, preocupações, um ou outro mal-entendido e, também, algumas críticas, tudo termina no dia 6 de agosto? De maneira nenhuma! Vai ficar um caminho com muitas pegadas para continuarmos a caminhar.

A importância do dia depois

Depois de todos estes anos de preparação, temos de ter uma coisa bem clara; a JMJ não é um ponto de chegada, não é um final, não é a cereja no topo do bolo. A JMJ é um momento forte que marcará “o dia depois”. Temos de trabalhar nessa perspectiva, com um olhar no futuro. E depois...que fica? Não podemos perder tantas graças que vão ser derramadas nesses dias de agosto. Temos de estar disponíveis para acolher esta explosão de fé dos jovens da nossa diocese, de paróquias, escolas, movimentos...

Muitos de nós, onde estamos ou a partir do ponto onde poderemos estar, se quisermos comprometer-nos, podemos dizer, como São Paulo: “Obrigada/o Senhor por me considerares digna/o de confiança para tal ministério, a mim que não o mereço” Cfr. Tm 1, 12-13.

Por tudo isto, fica um convite: **BRAÇOS E CORAÇÃO ABERTOS PARA ACOLHER A TODOS, NA JMJ E DEPOIS.**

parte I **Domingos de Verão**

Deserto de tempo para descobrir que Deus sempre está!

2Rs 4,8-11.14-16a «Naquele tempo, disse Jesus aos seus apóstolos: “Quem ama o pai ou a mãe mais

Sl 88 (89) ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim. Quem não toma a sua cruz

Rm 6,3-4.8-11 para Me seguir, não é digno de Mim. Quem encontrar a sua vida há de perdê-la; e quem

Mt 10,37-42 perder a sua vida por minha causa, há de encontrá-la. Quem vos recebe, a Mim recebe;

e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou. Quem recebe um profeta por ele ser profeta, receberá a recompensa de profeta; e quem recebe um justo por ele ser justo, receberá a recompensa de justo. E se alguém der de beber, nem que seja um copo de água fresca, a um destes pequeninos, por ele ser meu discípulo, em verdade vos digo: Não perderá a sua recompensa”»

(Mt 10, 37-42)

“  quem não toma a sua cruz para Me seguir, não é digno de Mim.”

Que palavras duras estas de Jesus para iniciar um período de férias... Eventualmente, esta pode ser a primeira oração neste tempo a que aspiramos, de descanso, para apenas a estarmos “sossegados no nosso cantinho” ...

De facto, Jesus tem sempre, nas Suas palavras, este poder: desconcertar-nos, desmontar-nos e, nunca, mas nunca, nos deixar indiferentes!

Tenho experimentado ao longo deste ano este desafio que Jesus nos lança a todos, de forma radical, e que nos relembra nesta passagem: coloca Deus sempre em primeiro lugar! Mesmo à frente daqueles que TANTO amo? Mesmo à frente daqueles que MAIS amo? Se, na minha limitação de amor, existem seres pelos quais sei que sou capaz de dar a vida, pois é mesmo a esses que Jesus se refere quando lança este grande desafio!

Na verdade, esta é uma passagem muito lida e também já por mim muito rezada, mas apenas hoje fui capaz de interpretá-la através de uma nova perspetiva: até aqui, sempre a interpretei como sendo uma “lógica de competição”, quase como que se de uma “corrida de longo curso” se tratasse: ou ganha/am a/as pessoa/as que mais amo ou fica Deus em primeiro lugar. Como competir em ambas as frentes?...

A novidade que este tempo de oração me trouxe e que gostaria de partilhar convosco é que, de facto, não se trata de ficar em primeiro ou em segundo lugar, mas de entender que o exercício de aprender a amar traz consigo esta experiência de que Deus, o amor transcendente, sempre está antes. Assim, é esta Sua presença em mim que me dá a capacidade de amar o meu pai e a minha mãe,

nas diferentes fases das suas vidas, ou os meus filhos no crescimento que vão fazendo (e na liberdade que viver as suas próprias vidas necessariamente acarreta....).

A vida tem “cruz”, porventura várias “cruzes”, que podem trazer-nos a sensação de “fim”, de “morte”. Mas essa “cruz” é também presença da “ressurreição”.

O gesto concreto de “agarrarmos a nossa cruz” é a atitude de “agarrarmos esta ressurreição”, de tantos e tantos momentos de que a vida pode ser objeto.

Encontremos e vivamos como uma criança o dom da vida: que tenhamos a sua facilidade de encontrar na vida razão para sorrir, rir, ou até mesmo dar gargalhadas por coisas simples! Encontremos “um deserto de tempo” e deixemo-nos transportar pela ingenuidade e simplicidade da maneira de pensar dos mais novos. Deixemo-nos contagiar por eles nestas férias: sejamos capazes de parar e observá-los a brincar à beira-mar, fazendo um castelo de areia, ou a jogar à bola com o irmão e a irmã! Entendamos que há neles uma felicidade que também transportamos por dentro – e que é oásis até para as nossas eventuais dores!



Encontrar o deserto

Na organização da vida monacal há um dia reservado para o chamado “tempo de deserto”. Estamos habituados a pensar no deserto como um lugar, mas pode bem ser um tempo. E, nesse caso, a geografia deixa de ser importante: o deserto pode acontecer no meio da cidade, por entre os nossos trajetos habituais ou no espaço da nossa casa. Indispensável mesmo é que nos disponhamos a experimentar um tempo diferente, recorrendo a ferramentas espirituais básicas, mas essenciais: o silêncio, o recolhimento, a leitura, a meditação, a solidão orante...

O deserto é um tempo reconfigurado. Uma pausa necessária para o esvaziamento de si e a purificação interior. Sem darmos conta, a poluição – de palavras, imagens, desejos desencontrados, ficções – asfixia-nos. A nudez do deserto inspira um distanciamento face à avidez, ao instinto de posse, ao sonambulismo de uma existência abandonada ao piloto automático. O deserto faz-nos romper com o consumismo. Devolve-nos a nós mesmos.

“Vou conduzir-te ao deserto e falar-te ao coração”, lê-se no livro do profeta Oseias (2, 16). O poeta Edmond Jabès parece comentar literalmente este passo bíblico quando diz: o dom do deserto é ensinar-nos a radical abertura de coração e a profundidade da escuta.

Na organização da nossa vida secularizada, deveríamos prever tempos regulares de deserto. Há um belo provérbio tuaregue que garante: “no deserto encontrarás um oásis até para a tua dor”.

(José Tolentino Mendonça, in “O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas”)

Escolho ser sábio ou pequenino?

Zc 9,9-10 «Naquela ocasião, Jesus tomou a palavra e

SI 144(145) disse: “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos.

Rm 8,9.11-13

Sim, ó Pai, porque isso foi do teu agrado.

Mt 11,25-30

Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem

o Filho o quiser revelar.”

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos.

Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito.

Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.»

(Mt 11, 25-30)



leitura do Evangelho deste domingo Jesus vem, mais uma vez, baralhar os meus conceitos.

Desta vez vem desconstruir o meu conceito de sabedoria, de quem é sábio.

Para mim, o sábio (alguém sabedor e com sabedoria) é alguém com maior capacidade de compreender as coisas do que as restantes pessoas.

O problema é quando aplico este meu entendimento na Fé, na minha relação com Deus, neste meu caminho de tentar conhecer melhor este Senhor Jesus... E o problema ainda fica maior porque, tantas vezes, me considero um verdadeiro sábio neste percurso.

E, uma e outra vez, Jesus vem baralhar este meu entendimento de mim próprio e do que é, afinal, ser sábio na escuta e na relação com Ele.

Aplicar a racionalidade e a lógica de contabilizar os méritos e os deméritos de alguém ou das situações não nos vai levar a entender a lógica de Deus, a lógica do amor gratuito e entregue sem reservas.

Jesus vem avisar-nos de que há “verdades” que nos são “ocultadas” quando, a partir da nossa sabedoria, avaliamos (ou julgamos) a realidade (ou o que pensamos ser a realidade). Nesse momento, podemos perder o que é essencial... que, tantas e tantas vezes, é invisível aos olhos.

Por isso, temos de procurar o essencial e, para isso, temos de ser pequeninos, de não estar cheios da nossa sabedoria, de ir ter com o Senhor e fazer essa pergunta, uma e outra vez, todos os dias: o que é essencial, hoje e sempre, para a minha vida?

Nos momentos de verdadeiro encontro com Deus Pai, com Jesus, com o Espírito ou com Maria, sou capaz de abandonar os meus esquemas racionais de me avaliar e de avaliar os outros.

Mas, saindo do espaço exclusivo da oração e reentrando no meu cotidiano, vai voltando, passo-a-passo, a minha racionalidade (a minha “sabedoria”) na forma como olho a realidade e nas escolhas que faço dia a dia.

Como posso “expandir” o ser pequeno e atento ao que o Senhor me diz na oração ao resto do meu dia?

Jesus convida a ir ter com Ele todos os que se sentem cansados e oprimidos. E, não poucas vezes, é assim que me sinto em várias situações ao longo do dia... Como conseguir ir ter com Ele nestes momentos quotidianos em que me sinto cansado ou oprimido?

Como fazer de todo o meu cotidiano um espaço oracional? Um espaço que me permita continuar a ser “pequenino” e ser capaz de escutar o que é essencial em cada momento?

Estas, para mim, são as perguntas que desmontam a minha sabedoria e me ajudam a ir sendo capaz de escutar o que o Senhor me vai dizendo, em cada dia, sobre a minha vida e sobre a minha realidade.



O perdão é um «jugo suave». Ocupemo-nos, sim, em desenvolver as potencialidades que o perdão esconde. Mesmo se somos fruto de uma formação que acentua muito o peso do pecado, parece-me que a grande conversão é passar a sublinhar a luz do perdão de Deus na nossa vida.

Há aquela história dos dois monges que, ao começarem a travessia de um riacho, encontram uma mulher que lhes pede que, um deles, a carregue às costas. Era um pedido de todo inesperado e que contrariava a regra deles. Mas lá o mais novo se inclinou e levou a mulher à outra margem. A mulher agradeceu muito e os monges partiram para o seu destino. O monge mais velho, porém, passou todo o caminho a recriminar o mais novo: «Que loucura», «o que foste fazer!», «sabes a nossa regra...». Até que este, não podendo mais suportar, lhe respondeu: «Olha que eu transportei a mulher entre as margens do riacho e deixei-a. Tu, porém, transportaste-a até aqui».

Partir da nossa condição de perdoados... Não há dúvida que compreender isto é colocar-se na escola do Evangelho. Quando vivemos no perdão, começamos verdadeiramente a fazer caminho no conhecimento de Deus e no seguimento de Jesus. Não de forma abstrata, mas concreta e assumida. O perdão abre portas dentro de nós. E então desistimos de carregar os pesos de ontem, para descobrirmos as asas do hoje.

(Cardeal D. José Tolentino Mendonça,
“O perdão abre portas dentro de nós”,
Publicação no Facebook em 21 de Agosto de 2021)

A Palavra é para hoje

Is 55,10-11 «Eis o que diz o Senhor:

SI 64 (65)

Rm 8,18 - 23

Mt 13,1-23

“Assim como a chuva e a neve que descem do céu
não voltam para lá sem terem regado a terra,
sem a terem fecundado e feito produzir,
para que dê a semente ao semeador e o pão
para comer,
assim a palavra que sai da minha boca
não volta sem ter produzido o seu efeito,

sem ter cumprido a minha vontade,
sem ter realizado a sua missão”»

(Is 55, 10-11)



enhor, raramente as sementeiras crescem como planeadas!

Há sempre contratempos: falta de chuva, a erva que teima em nascer, ou um ataque de lagartas. Mas o agricultor nunca desiste e volta, e trata, e rega mais, e cuida da terra... Todos os dias dá a volta às suas searas para ver como estão a crescer, para lhes dar os cuidados de que, a cada momento, necessitam. Há quantos anos, Senhor, oiço esta parábola e sempre a pus como se dependesse de mim: eu sou a beira do caminho, ou a terra pedregosa ou a terra com espinhos...

Hoje, se calhar pelo cansaço que trago no fim de uma semana com muito trabalho, sinto que o semeador lança a semente, mas nunca deixa de cuidar da sua seara, seja ela grande ou pequena, seja a terra melhor ou pior.

É como diz a leitura de Isaías: a palavra que sai da Tua boca não voltará para Ti sem ter produzido efeito, sem ter cumprido a tua missão. Ai, que descanso! Porque isso não pode depender de mim. Era impossível!

Tu, Senhor, é que tratas da minha vida - que é a tua seara - de forma a que eu possa dar alguma ajuda no cumprimento da Tua missão. Mais uma vez, aqui estava eu, armada em D. Quixote a batalhar contra moinhos de vento, como se tudo dependesse de mim.

Senhor, és Tu que explicas que a Tua Palavra vem como a chuva e como a neve, vem de cima, gratuita para todos, vem quando vem, e depois de chegar à terra tudo muda. Que bonito fica o campo depois de uma valente carga de água. O verde fica mais verde, a poeira assenta e, por isso, a luz fica muito mais intensa... Além disso, o cheiro da terra molhada é único. E isto é o que se vê,

porque a parte que não vemos é o poder que a água tem de mudar o interior da terra. Assim, a Tua palavra traz luz, dá cor e traz cheiro e sabor às nossas vidas. Mas, para além disso, há a parte que é menos visível, menos imediata, que vai lentamente mudando por dentro dos nossos corações. Já me aconteceu, em determinados momentos, olhar para trás e ver mudanças ou atitudes que sei que foram obra Tua, de que eu sozinha nunca seria capaz!

Realizo, também, Senhor, que me esqueço de que a Tua Palavra é para hoje.

Faço bonitas orações, concretizando o que falta mudar e onde e como. Mas sempre para amanhã.

Pois... Mas não posso dizer à chuva ou à neve: “volta lá para cima que agora estou a rezar e amanhã é que é dia de te receber”. Então, assim sendo, porque não assumo a palavra hoje? Que dificuldades sinto em deixar que a palavra que vem do céu entre no meu coração e o amoleça, tal como a chuva amolece a terra? E que, depois do coração preparado, as sementes sopradas pelo Espírito vão ganhando raízes e vão crescendo.

E para quê tanta pressa? Se a chuva vier devagar, vai penetrando lentamente na terra e ensopando cada grão de semente; mas, para que tal aconteça, é necessário que esteja um certo tempo a chover. Também eu, se quero que a palavra amoleça e ensope o meu coração, tenho de lhe dar mais tempo do que os 5 minutos a correr, antes de entrar para o escritório.

Tenho também sentido a importância da comunidade na minha vida. A sorte de ter determinados momentos do mês ou da semana para, na companhia de outros como eu, poder saborear a Tua palavra e deixar que esta chuva penetre no meu coração.

E, para que dê os muitos frutos com os quais Tu sonhas, não preciso ser muito inteligente pois Tu mesmo explicas, falas-nos em parábolas, para que possamos ver sem ver e ouvir sem compreender.

Não são precisos grandes estudos; apenas temos de abrir o nosso coração porque, mesmo sem o percebermos, a Tua palavra, Senhor, encaixa-me sempre que nem uma luva, acalma-me o coração e ajuda-me a saborear a vida.

Obrigado, Senhor, pela Tua Palavra! Quero saboreá-la e deixar-me ensopar e tranquilizar por ela!



Agora é hora

*Agora é hora,
De oferecer todo o meu ser
Na tristeza, na pobreza
Na alegria de cada dia*

É tão pouco o que oferecemos, mas é tudo o que temos.

*Agora, é hora,
De dizer muito obrigado
Ao Senhor, que á amor
Nossa Vida nosso calor.*

Agora é hora...

Tempo de Esperança!

Sb 12,13.16-19 «Naquele tempo, Jesus disse às multidões mais esta parábola: “O reino dos Céus pode comparar-se a um homem que semeou boa semente no seu campo. Enquanto todos dormiam, veio o inimigo, semeou joio no meio do trigo e foi-se embora. Quando o trigo cresceu e começou a espigar, apareceu também o joio. Os servos do dono da casa foram dizer-lhe: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem então o joio?’. Ele respondeu-lhes: ‘Foi um inimigo que fez isso’. Disseram-lhe os servos: ‘Queres que vamos arrancar o joio?’. ‘Não! – disse ele – não suceda que, ao arrancardes o joio, arranqueis também o trigo. Deixai-os crescer ambos até à ceifa e, na altura da ceifa, direi aos ceifeiros: Apanhai primeiro o joio e atai-o em molhos para queimar; e ao trigo, recolhei-o no meu celeiro.’»
(Mt 13, 24-30)



joio representa, nesta parábola, o mal, enquanto o trigo representa o bem. Numa primeira leitura, poderemos considerar que o trigo somos nós, que procuramos escutar e pôr em prática a palavra de Deus, enquanto o joio são os outros, os que não creem nem escutam. Esta seria sempre uma visão soberba de nós próprios, enquanto do outro lado teríamos o pessimismo, que, pela nossa condição de pecadores, nos reduziria todos ao joio, a erva daninha que asfixia o bem.

Na verdade, quando olho para a minha vida vejo muito joio, mas também muitas coisas boas que nascem, e, com toda a humildade, me permitem afirmar que correspondem ao bem. Deus é, simultaneamente, o semeador que espera ver o trigo nascer, mas paciente para com o joio. Mais paciente do que nós próprios, que facilmente cedemos ao desalento e nos deixamos emaranhar pelo joio, que tudo tolda, asfixia, em suma impede de crescer, ir mais além.

A Igreja está cheia de boas obras, de pessoas de bem, mas, tal como nós, também tem muito joio. O trigo e o joio crescem lado a lado em tantos sítios, pessoas, em nós próprios... O Deus que espera, é o Deus que nos pede para sermos pacientes. Pacientes com os que estão à nossa volta, pacientes com a Igreja, com o nosso país, com a nossa família.

Muitos cristãos colocam a si próprios a pergunta: se Deus é bom, por que não intervém para eliminar o mal? Por que, simplesmente, não faz desaparecer todas as pessoas más da face da terra? Mesmo quando o mal nos assola, por que motivo Deus não responde imediatamente às nossas preces?

Ao rezar esta leitura lembro-me de Marta, da irmã de Lázaro, que interpelava Jesus e lhe dizia: *“Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido”* (Jo 11, 21). Até Jesus deixou Lázaro morto durante quatro dias!

Julgo que a partir da dinâmica desta parábola poderemos descobrir muitas respostas às nossas inquietações: Deus não ama o mal, mas dá-nos liberdade para crescer, mesmo que isso implique deixar espaço para que o pecado permaneça nas nossas vidas; Deus é paciente e está disposto a esperar pela altura certa para distinguir o que fizemos de bom e mau; o bom e o mau tendem a conviver lado a lado neste mundo, compete-nos a nós criar as condições para que o trigo cresça mais que o joio, no nosso coração e à nossa volta.

A paciência e tolerância de Deus deve ser exemplo para nós, para conosco e para com os que estão à nossa volta.



“O mal, certamente, deve ser rejeitado, mas os malvados são pessoas com as quais é preciso ter paciência. Não se trata daquela tolerância hipócrita que oculta ambiguidade, mas da justiça mitigada pela misericórdia. Se Jesus veio buscar os pecadores mais que os justos, curar os enfermos antes ainda que os saudáveis, também a nossa ação, seus discípulos, deve ser dirigida para não eliminar os malvados, mas para salvá-los. E, nisso, a paciência.”

(Angelus, 19 de julho 2020, Papa Francisco)

Um Reino precioso

- 1 Rs 3,5-12 «Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.
- Sl 118 (119) O Reino do Céu é também semelhante a um negociante que busca boas pérolas. Tendo encontrado uma pérola de grande valor,
- Rm 8,28-30 vende tudo quanto possui e compra a pérola.»
- Mt 13,44-52

O Reino do Céu é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, apanha toda a espécie de peixes.

Logo que ela se enche, os pescadores puxam-na para a praia, sentam-se e escolhem os bons para as canastras, e os ruins, deitam-nos fora.

Assim será no fim do mundo: sairão os anjos e separarão os maus do meio dos justos, para os lançarem na fornalha ardente: ali haverá choro e ranger de dentes.

Compreendestes tudo isto?”

“Sim” - responderam eles. Jesus disse-lhes, então: “Por isso, todo o doutor da Lei instruído acerca do Reino do Céu é semelhante a um pai de família, que tira coisas novas e velhas do seu tesouro”.»

(Mt 13,44-52)



Palavra de hoje adverte-nos para uma escolha difícil: para ganhar o Reino do Céu é preciso renunciar a tudo o que possuíamos antes. Desfazermo-nos de tudo, para podermos ficar com o tesouro, a pérola de grande valor. Não sei se consigo. Se calhar, porque tenho demasiadas coisas - ou porque estou demasiado agarrado a algumas delas. E podem nem ser coisas: talvez estatuto, bem-estar, hábitos, seguranças, até sonhos e ilusões. Podem ser até pessoas, relações presentes ou passadas, se pensarmos que o “vender” é apenas “deixar ir”.

Esta Palavra é também um convite a sairmos da nossa zona de conforto, a arriscarmos algo totalmente novo, que rompe com tudo o que vivíamos antes. Muitas vezes, não o fazemos por medo, incerteza se vai dar certo ou não. Falta de fé e de confiança? Também. E dificuldade em assumir que qualquer escolha implica uma perda, uma rutura, e isso traz-nos dor, tristeza, nostalgia... Tem que valer a pena o esforço. O tesouro tem que ser grande, a pérola maravilhosa. Mas não é isso que nos diz Jesus, que o tesouro é muito valioso? Tanto que os dois homens avançam sem hesitar e cheios de alegria!

Jesus faz uma última comparação: o Reino dos Céus é como uma rede que se enche de peixe. Peixe bom e mau, tudo misturado até os pescadores o separarem. O que me traz mais dúvidas que respostas: então, nem tudo o que pertence ao Reino dos Céus é bom? Não haveria a rede vir cheia apenas de bons peixes? Quem ensinou os pescadores a distinguir os bons dos maus peixes? E serão mesmo assim tão maus, esses pobres peixitos? Para encontrar um caminho que nos ajude a descobrir as respostas, podemos inverter as perguntas: não faz mais sentido que a rede apanhe todos os peixes do mar? E não é inevitável que alguns não sejam bons e que tenham que voltar ao mar, por certo para crescerem e se tornarem bons peixes? Veio, porventura, Jesus

“Perdemos não apenas através da morte mas também sendo abandonados, mudando, seguindo em frente. As nossas perdas incluem também as renúncias conscientes ou inconscientes dos nossos sonhos românticos, o cancelamento das nossas esperanças irrealizáveis, das nossas ilusões de liberdade, de poder e segurança, assim como a perda da nossa juventude, aquela irreverente individualidade que se acreditava livre de rugas, invulnerável e imortal. (...)

É irremediável aceitar e saudável saber...

que por muito que a nossa mãe nos ame, vai deixar-nos e nós vamos deixá-la a ela;

que o amor dos nossos pais nunca será exclusivamente para nós;

que aquilo que nos fere nem sempre pode ser remediado com beijos;

que teremos que aceitar o amor misturado com o ódio e o bom misturado com o mau; (...)

que não importa quão astutos e cuidadosos sejamos, às vezes toca-nos perder;

que a nossa condição neste mundo é implacavelmente passageira;

E mais difícil de aceitar (mas não menos certa):

Somos absolutamente incapazes de poder oferecer aos nossos mais queridos a protecção que desejávamos contra todos os perigos, contra qualquer dor, contra as frustrações, o tempo perdido, a velhice e a morte.”

(Jorge Bucay, in El Camino de las lágrimas)

Testemunhas de Jesus

- Dn 7,9-10.13-14 «Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João seu irmão e levou-os, em particular, a um alto monte e transfigurou-Se diante deles: o seu rosto ficou resplandecente como o sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E apareceram Moisés e Elias a falar com Ele. Pedro disse a Jesus: “Senhor, como é bom estarmos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Ainda ele falava, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e da nuvem uma voz dizia: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O”. Ao ouvirem estas palavras, os discípulos caíram de rosto por terra e assustaram-se muito. Então Jesus aproximou-se e, tocando-os, disse: “Levantai-vos e não temais”. Erguendo os olhos, eles não viram mais ninguém, senão Jesus. Ao descenderem do monte, Jesus deu-lhes esta ordem: “Não conteis a ninguém esta visão, até o Filho do homem ressuscitar dos mortos”.»
- (Mt 17, 1-9)



o rezar de novo esta leitura, que já ouvimos tantas vezes, houve sobretudo duas coisas que me interpelaram. A primeira foi que, quando estamos bem connosco, com Deus e com os outros, essa harmonia se vê na nossa cara, nos nossos gestos. O inverso também é verdade – quando estamos crispados, em “luta” connosco, com Deus, com o mundo, o nosso semblante raramente transparece paz. E nós, cristãos, queremos ser, interior e exteriormente, aqueles que fazem os outros dizer “Que bom é estarmos aqui”.

Podemos argumentar que o local para onde Jesus levou Pedro, João e Tiago, o alto do monte, calmo e longe do bulício das multidões, era propício à transformação proporcionada pelo diálogo e pela presença de Deus e que nós, no nosso quotidiano apressado, não temos oportunidade de “subir ao monte”. E talvez seja verdade. Mas, tanto quanto sabemos, esta transfiguração junto dos três discípulos é relatada como um momento excepcional. Jesus também, com certeza, teve de arranjar tempo para este momento. E não vamos agora dizer que Jesus tinha menos para fazer do que nós...

O outro aspeto que me chama sempre a atenção nesta leitura, mais até do que a transfiguração, é que, apesar da vontade dos discípulos de ali acamparem, permanecerem, e prolongarem aquele momento único e especial, em que ouviram eles próprios a mensagem de Deus, eles têm de descer do monte, de voltar à sua vida diária, com todas as suas dificuldades e desafios.

Esta leitura faz-me sempre lembrar a experiência que tenho tido ao fazer retiros ou peregrinações. É sempre difícil organizar a vida para poder ir, deixar tudo orientado para a família que fica em casa, há sempre uma ou outra coisa que tem de ser alterada para libertar esses dias. Mas, quando se parte, é, realmente uma “subida ao monte”. Este ano, a peregrinação a Fátima da Verbum Dei de Lisboa foi exatamente assim. Até a Missa de domingo foi num miradouro

no alto da serra! São experiências de transformação, momentos em que temos, de facto, tempo para ouvir o que Deus nos quer dizer. Mas, depois, temos de “descer do monte”, temos de voltar à nossa casa, ao trabalho, e levar para nós e aos outros aquela experiência, que é sempre transformadora, e sermos – dentro de todas as nossas limitações – o rosto de Jesus.

Não podemos fazer peregrinações, retiros, encontros todas as semanas (o momento com os apóstolos é, também, narrado como único). No entanto, podemos guardar esses momentos, levá-los connosco para a nossa vida, e repetir, talvez no ano seguinte, deixando-nos transformar aos poucos,



para sermos capazes de levar aos outros a alegria e a serenidade cristã, que tanta falta faz no nosso quotidiano. E as férias podem ser também oportunidade para um tempo de oração diferente, aproveitando momentos de passeio ou de tranquilidade. E não podemos esquecer que é também na Eucaristia que Jesus nos transforma. Muitas vezes, seja porque é um hábito que vamos perdendo, seja porque é precisamente apenas um hábito, esquecemos o poder transformador da Fé vivida em comunhão. Em particular nas férias, porque estamos longe da nossa paróquia habitual, porque as dinâmicas são outras. Na paróquia da terra da minha família, uma zona de veraneio bastante popular, esteve muitos anos um padre que, durante o verão, agradecia sempre a quem era de fora e estava presente na missa o seu “testemunho de vida cristã”. Sempre achei essa atitude muito bonita.

Aproveitemos bem este verão e sejamos testemunhas de Jesus.

“A nossa transformação pela graça de Deus é um processo lento.”

“Porque resistimos tanto a ser enviados? Porque significa morrer, para quem antes fomos. Pregar o Evangelho não é uma questão de transformar outras pessoas em cristãos como nós. Não recrutamos as gentes para adotarem a nossa opinião e a nossa identidade, como os fariseus, que Jesus acusava nestes termos: «Percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e, depois de o terdes seguro, fazeis dele um filho do inferno, duas vezes pior do que vós» (Mt 23, 15). Somos enviados em missão para descobrir quem somos, nessas e para essas pessoas.”

(Timothy Radcliffe, *Ir à Igreja porquê? O drama da Eucaristia*. Lisboa: Edições Paulinas, 2013, p. 20, 274)

“Subir ao monte e andar sobre as águas...”

- 1Rs 19,9a.11-13a «Naqueles dias, o profeta Elias chegou ao monte de Deus, o Horeb, e passou a noite numa gruta. O Senhor dirigiu-lhe a palavra, dizendo: “Sai e permanece no monte à espera do Senhor”. Então, o Senhor passou.» (1Rs 19)
- Sl 84 (85)
- Rm 9,1-5
- Mt 14,22-33 «Mostrai-nos, Senhor, o vosso amor e dai-nos a vossa salvação» (Sl 84)

«Depois de ter saciado a fome à multidão, Jesus obrigou os discípulos a subir para o barco e a esperá-lo na outra margem, enquanto Ele despedia a multidão. Logo que a despediu, subiu a um monte, para orar a sós. Ao cair da tarde, estava ali sozinho. O barco ia já no meio do mar, açoitado pelas ondas, pois o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar. Os discípulos, vendo-O a caminhar sobre o mar, assustaram-se, pensando que fosse um fantasma. E gritaram cheios de medo. Mas logo Jesus lhes dirigiu a palavra, dizendo: “Tende confiança. Sou Eu. Não temais”. Respondeu-Lhe Pedro: “Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas”. “Vem!” – disse Jesus. Então, Pedro desceu do barco e caminhou sobre as águas, para ir ter com Jesus. Mas, sentindo a violência do vento e começando a afundar-se, gritou: “Salva-me, Senhor!”. Jesus estendeu-lhe logo a mão e segurou-o. Depois disse-lhe: “Homem de pouca fé, porque duvidaste?”. Logo que subiram para o barco, o vento amainou. Então, os que estavam no barco prostraram-se diante de Jesus, e disseram-Lhe: “Tu és verdadeiramente o Filho de Deus”.» (Mt 14)

Preparo estas pistas numa semana em que me sinto particularmente cansada, desmotivada e a viver alguns momentos com desesperança. Estes sentimentos acontecem um pouco “por tudo” e “por nada em especial”, ou seja, são reflexo de todas as preocupações, desafios, medos, limitações que experimento em mim e nos outros, à minha volta e no mundo em geral. Situações concretas que somos chamados a viver e que gostaríamos que fossem bem diferentes!

Todos nós passamos por estes momentos, como diz São Paulo na Carta aos Romanos *“Sinto uma grande tristeza e uma dor contínua no meu coração”*.

Felizmente, não estamos sós (mesmo que muitas vezes achemos que sim!). E Deus quer-nos hoje oferecer o seu Amor. Quando não conseguirmos fazer “mais nada”, pelo menos rezemos com o Salmo 84: *“Mostrai-nos, Senhor, o vosso amor e dai-nos a vossa salvação”*. E Deus dá-nos tudo: a Paz, a Salvação, a Glória, a Misericórdia, a Fidelidade, a Justiça.

A Palavra deste Domingo fala-nos de duas atitudes que são “salvadoras”, porque nos aproximam de Deus / Jesus: 1) subir ao monte e 2) caminhar sobre as águas.

E como tudo aquilo que treinamos é o que queremos que se torne mais forte em nós, aqui fica o convite para praticarmos em tempo de Verão:

1) Subir ao Monte

Ao longo da Bíblia encontramos muitas referências e significados de “subir ao monte”. Por exemplo, na Palavra deste Domingo temos dois exemplos:

- Elias “chega ao monte”, “passa a noite”, “escuta Deus”, “permanece à espera”.
- Jesus sobe ao monte para orar, a sós, depois de ter alimentado a multidão.

O que significa subir ao monte?

- É a atitude interior de procurar Deus, de querer “de verdade” encontrar-me com o Pai. É pôr os meios para que isso aconteça...
- Deus está em todo o lado, à nossa espera.
- Nós é que precisamos de reconhecê-Lo, de deixar que conviva connosco. Precisamos de treinar os nossos sentidos para O ver, ouvir, e senti-Lo nas nossas vidas. Precisamos também de tempos e espaços concretos para “criar laços”, conhecê-Lo melhor, saborear a Sua presença, deixarmo-nos amar por Ele.

Subir ao monte é também procurar olhar a realidade de outra perspetiva, distanciarmo-nos das nossas rotinas, dos nossos hábitos, pensamentos ou costumes, e dar espaço para aprender a viver de outra forma...

2) Caminhar sobre as águas

A vida é complexa e, por vezes, muito dura. Temos momentos nos quais não é fácil caminhar, tomar algumas decisões, superar provações... Para esses momentos precisamos da Fé. Não de uma fé teórica, mas de uma fé verdadeira que dê luz e força às nossas vidas.

Aprender a caminhar sobre as águas... a viver com fé sejam quais forem as circunstâncias que estamos a viver. Saber pedir ajuda: “Salva-me, Senhor”. Ter a confiança que Jesus nos estende a mão e nos segura!

Caminhar sobre as águas é aprender a viver sem medo... porque Jesus está connosco no barco. Estamos salvos pelo Amor de Deus, aconteça o que acontecer. Vencer o medo com a Fé, com os olhos fixos em Jesus e não nos deixando atemorizar pela força do vento e das ondas.

Nem sempre é fácil viver assim... mas é possível, e muito melhor!

Neste tempo de Verão, possamos ter tempo, espaço e intencionalidade para treinar estas duas atividades tão importantes: subir ao monte e caminhar sobre as águas. Será, de certeza, um Verão inesquecível!.



“O Trilho da Confiança”

Faz-nos trilhar, Senhor, a estrada da Confiança. Dá-nos um coração capaz de amar serenamente aquilo que somos ou que não somos, aquilo com que sonhámos ou as coisas que não escolhemos e que, contudo, fazem parte da nossa vida.

Ensina-nos a devolver a todos os Teus filhos e a todas as criaturas a extraordinária Bondade com que nos amas. Não permitas que o nosso espírito se feche no medo ou no ressentimento: ensina-nos que é possível olhar a noite não para dizer que pesa em todo o lugar o escuro, mas que a qualquer momento uma Luz se levantará.

Dá-nos ousadia de criar e recriar continuamente mesmo partindo daquilo que não é ideal, nem perfeito. E quando nos sentirmos mais frágeis ou sobrecarregados recebamos, com igual confiança, a nossa vida como um Dom e cada dia como um dia de Deus.

(Cardeal D. José Tolentino Mendonça)

Que o MOVIMENTO de Maria nos leve à alegria eterna!

Ap 11,19a;
12,1-6a.10ab

Sl 44 (45)

1 Cor 15,20-27

Lc 1,39-56

«Naqueles dias, Maria partiu para a região montanhosa, dirigindo-se, às pressas, a uma cidade da Judeia. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança agitou-se no seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Com um grande grito exclamou: “Tu és bendita entre as mulheres, e é bendito o fruto do teu ventre! Como posso merecer que a mãe do meu Senhor me venha visitar? Logo que a tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança saltou de alegria no meu ventre. Bem-aventurada aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu”. Então Maria disse: “A minha alma proclama a grandeza do Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador, porque olhou para a humildade de sua serva. Doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque o Todo-Poderoso realizou grandes obras em meu favor: o seu nome é santo, e a sua misericórdia chega aos que o temem, de geração em geração. Ele realiza proezas com seu braço: dispersa os soberbos de coração, derruba do trono os poderosos e eleva os humildes; aos famintos enche de bens, e despede os ricos de mãos vazias. Acolheu Israel, seu servo, lembrando-se da sua misericórdia, conforme prometera aos nossos pais em favor de Abraão e da sua descendência, para sempre”. Maria ficou três meses com Isabel; e depois voltou para casa.»

(Lc 1, 39-56)



Como lema das Jornadas da Juventude, esta saída apressada de Maria, decorrente do SIM dado com a sua vida, está muito viva e cheia de significado dentro de cada um de nós.

Sublinho três ideias relevantes para deixar que os frutos das Jornadas e das nossas vidas surjam, cresçam e contagiem:

1) A primeira é a de MOVIMENTO (=VIDA) que resulta de todo este Evangelho: quer de Maria, que “parte” para a montanha, se “dirige” às pressas, “entra” na casa”, “saúda”, quer de Isabel, que ouviu, deixou-se tocar e reage, quer da criança, no ventre, que se agita, quer ainda do Senhor, que realizou grandes obras em favor de Maria e que realiza proezas para todos. O mal vence-se à força de bem. Tal como noutras passagens do evangelho, encontramos **ações concretas que dão vida**. Sendo essencial, não basta ficar pela oração, pela interioridade, pela experiência de que somos amados por Deus, sendo necessário nos predispor a transformar aquilo que rezamos em ações concretas com pessoas concretas (Isabel e Zacarias, João, Joana, Pedro, Mariana, ...).

Senhor, que ações concretas queres que faça hoje, este mês, este ano para dar vida a quem sou chamada a dá-la? Ainda que não conheçamos toda a missão, o Senhor vai-nos iluminando passo a passo, como fez a Maria, se rezarmos e se escutarmos e se Lhe formos dizendo “Sim”.

2) A segunda ideia é a de PÉS BEM ENRAIZADOS NO CHÃO e CORAÇÃO AO ALTO: Maria, na sua humildade e verdade, tem os pés muito assentes no chão, nas circunstâncias concretas do seu tempo, do seu espaço, subiu a montanha para ir a casa de Zacarias e Isabel e ficar lá três meses; disse SIM sem saber o que se seguia; viveu como mãe do Filho de Deus com todas as alegrias e dores profundas que isso representou (e que hoje sabemos o que representou, até ao ponto de ver o Filho morrer na cruz), mas

SEMPRE com uma CONFIANÇA total em Deus, A quem se entrega totalmente e sabe que não está só, que não é ela quem faz com que tudo se transforme, com que a missão se cumpra.

Será que vivemos com a CONFIANÇA de que, se estivermos n'Ele, se Lhe rezarmos e fizermos o que nos diz, se seguirmos a sequência de pequenos grandes passos a que o Senhor nos vai chamando, Ele os multiplicará, fará crescer os frutos e levará as nossas obras muito mais longe?

3) Finalmente, a terceira ideia é a da ALEGRIA que move e enche Maria: por ter aceitado, ter dito SIM, por viver ao serviço da missão, segura do seu sentido que dá vida e cor a tudo o que é, faz, diz, ouve, reflete, leva, mesmo não sabendo o que se vai seguir. A alegria de quem é aquilo que quer ser, de quem está no momento e no lugar em que quer estar, alegria essa que não é sinónimo de estar tudo bem, mas que coexiste com dificuldades, desafios, dores, lágrimas, incompreensões, pois vem da CONFIANÇA de que tudo contribui para o nosso bem e de que tudo faz parte da missão.

Independentemente do que estivermos a viver, rezando-Lhe e predispondo-nos a fazer caminho com Ele, pedindo-Lhe luz e fazendo tudo o que nos disser, Ele transforma-nos lentamente e às nossas obras, conduzindo-nos a esta alegria.

Esta alegria interior que vem de Deus e nos move, uma paz e um movimento interior que nos atira para a frente e para fora, é o que confirma que, independentemente do que estamos a viver e de acharmos que falta muito para cumprirmos a nossa missão, estamos no caminho certo. É o reconhecimento dos discípulos de Emaús: *"...porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?"*.

“Deus não é uma ideia, não é um conceito, não é um sistema filosófico. Deus é Alguém que nos fala, que nos procura, que nos ama e que nos convida a viver a partir desse amor.

E o amor é a presença silenciosa de Deus em nós. É o Espírito que nos habita e nos faz arder de amor. É o Espírito que nos fala no silêncio do coração, que nos guia e nos sustenta na nossa fragilidade. É o Espírito que nos ensina a amar como Jesus amou.”

(Cardeal D. José Tolentino Mendonça)



Filhos de Deus no mundo

- Is 56,1.6-7 «Eis o que diz o Senhor: “Respeitai o direito, praticai a justiça, porque a minha salvação está perto e a minha justiça não tardará a manifestar-se. Quanto aos estrangeiros que desejam unir-se ao Senhor para O servirem, para amarem o seu nome e serem seus servos, se guardarem o sábado, sem o profanarem, se forem fiéis à minha aliança, hei de conduzi-los ao meu santo monte, hei de enchê-los de alegria na minha casa de oração. Os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceites no meu altar, porque a minha casa será chamada 'casa de oração para todos os povos’.”» (Is 56, 1. 6-7)
- SI 66 (67)
- Rm 11,13-15.29-32
- Mt 15,21-28

«Naquele tempo, Jesus retirou-Se para os lados de Tiro e Sidónia. Então, uma mulher cananeia, vinda daqueles arredores, começou a gritar: “Senhor, Filho de David, tem compaixão de mim. Minha filha está cruelmente atormentada por um demónio”. Mas Jesus não lhe respondeu uma palavra. Os discípulos aproximaram-se e pediram-Lhe: “Atende-a, porque ela vem a gritar atrás de nós”. Jesus respondeu: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Mas a mulher veio prostrar-se diante d’Ele, dizendo: “Socorre-me, Senhor”. Ele respondeu: “Não é justo que se tome o pão dos filhos para o lançar aos cachorrinhos”. Mas ela insistiu: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus donos”. Então Jesus respondeu-lhe: “Mulher, é grande a tua fé. Faça-se como desejas”. E, a partir daquele momento, a sua filha ficou curada.» (Mt 15, 21-28)



tenho andando às voltas com estas pistas. Custou-me entrar nos textos, escrevi e rescreei e acho que não chego a lado nenhum... Entretanto, ouvi uns *podcasts* que me marcaram sobre o Espírito Santo e vem-me sempre à ideia de que estamos no Caderno do Verão! Temos dias de férias pela frente, temos tempo, temos mais luz durante os dias, andamos mais leves e estamos no Tempo Comum. Tudo isto tem andado na minha oração e no pensamento... O que é isto do Tempo Comum?

Eu tenho sempre olhado para este tempo como aquela altura que não “é nem carne nem peixe”. Não estamos a preparar o nascimento de Jesus, nem a Sua Ressurreição, nem vivemos a Páscoa. É esse desafio de viver este tempo, esta normalidade das rotinas – até das rotinas de verão! Onde estás Tu, Pai, nesta “normalidade” dos dias? Quando somos pais, aprendemos a importância das rotinas... Na realidade, são elas que nos dão estrutura, que nos moldam e nos fazem crescer em segurança, apreendemos comportamentos. E na Fé? não será também esta a altura de irmos integrando e irmos deixando o Espírito Santo atuar e unificar tudo o que levamos por dentro? Tempo de conhecer melhor a Sua voz? De irmos descobrindo a Sua presença em nós e nos nossos dias? No fundo, este é o tempo para nos deixarmos transformar mais profundamente.

O Evangelho fala-nos de uma mulher que anda atrás de Jesus a pedir-lhe a cura da filha, que diz estar possuída por demónio. O que mais me impressiona nesta mulher é que ela não desiste de pedir a Jesus o que pretende, mesmo quando encontra obstáculos... Se lermos outra vez a passagem, vemos que os discípulos até insistem com Jesus para que fale com ela, porque parece que até eles estão incomodados por a ver atrás deles... Como eu, às vezes, que faço o bem porque realmente até parece mal fazer o “menos bem” - ou porque só me quero ver livre da situação porque já nem sei porque

me ofereci para fazer ou resolver! Por outro lado, sinto-me questionada pela certeza dela: ela acredita que é Jesus quem vai curar a sua filha. Ela tem esta certeza e nada a demove. Ponto.

O que me faz questionar: Jesus, também te peço a Ti para me salvares? Acredito que Tu és salvação para mim e para a minha vida? Ou custa-me a deixar alguns demónios para trás? Espírito Santo, que situações ainda vivo, que ideias ainda me habitam e me intoxicam? Me impedem de ver a Deus?

Numa das palestras que ouvi e que falava sobre o mundo pós-covid, o orador dizia que adaptarmo-nos ao mundo não é o mesmo que transformarmo-nos e transformarmos o mundo. Por isso questionava: a que mundo queremos voltar? A que normalidade queremos voltar?

Olhando à minha volta, vejo muita gente preocupada em esquecer o mundo que vivemos no Covid e, sinceramente, preocupa-me que estejamos a voltar ao pré-Covid: vejo muita gente preocupada em aproveitar muito a vida, as experiências, as viagens, a idolatrar a felicidade, o bem-estar, a silhueta que se deve ter, e que vive a sua vida a partir daqui, desta superficialidade, desta volatilidade. Mas, ao mesmo tempo, vejo uma agressividade crescente no trânsito, nos relacionamentos... E como é fácil irmos nesta onda!

A partir de onde vivo eu? A partir de onde quero eu viver? Espírito Santo, é a partir de Ti que eu quero viver? Somos chamados a ser povo de Deus “a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos”. Eu sou – todos somos - chamados a ser casa, ser porto seguro para (outros) tantos que andam à deriva, a ser uma luz no meio da confusão que é este mundo. A ser casa de Deus. Habitada por Deus.

É verdade: eu ainda preciso de muito trabalho, muito tempo, muita oração e muita permanência e contemplação para conseguir viver a

minha vida a partir da minha fé e a ter a capacidade de deixar que seja o Espírito Santo a unir tudo aquilo que eu vivo, para conseguir, verdadeiramente, atuar como filha de Deus no mundo de hoje. A ser povo de Israel hoje. A viver os dias de hoje de forma fraterna. Partindo do amor a Deus e ao próximo para encontrar soluções salvadoras, esperançosas, criativas, acolhedoras. No fundo, a viver com os olhos e as mãos abertas aos outros... É a isto que o Senhor me convida. E eu sinto-me muito grata por ele olhar para esta formiga que sou eu e ver esta imensa capacidade de ser a que Ele me convida. E por isso, sim quero ser filha de Deus no mundo, casa de oração. E tu? Também queres?



O Evangelho tem várias coisas insólitas: a recusa de Jesus em atender a cananeia, o argumento de que só tinha sido enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel, o tratamento de cachorrinhos dado aos pagãos, a ideia de que um milagre oferecido aos de fora possa fazer falta aos de dentro... Há quem opine que o Senhor começa por imitar, com algum exagero, a atitude dos judeus e dos próprios discípulos, para finalmente lhes dizer que não se deve proceder assim. Como quer que seja, é claro que Ele controla a situação: é duro sem ultrapassar o limite, fortalece nesta mulher a boa teimosia, não a lança na revolta.

Anos depois, perante uma situação análoga e uma intervenção de Deus que ultrapassa a sua expectativa, S. Pedro poderá dizer “Reconheço que Deus não faz aceção de pessoas, mas que em qualquer povo, quem O teme e pratica a justiça é-lhe agradável”.

A oração tornou-se algo de estranho e difícil para os nossos contemporâneos. Habitúmo-nos a mandar e a ter ao nosso dispor maquinismos que respondem imediatamente às nossas ações de comando. Se o carro não pega, mando-o consertar; e se persiste, troco-o.

Não estamos habituados a pedir com a humilde persistência da cananeia.

Precisamos de quem nos ensine. Precisamos de Santos.

(Padre João Resina, in “A Palavra no Tempo II”
20º domingo do tempo comum – Ed. Entrelinhas)

O Poder do Amor

Is 22,19-23 «Eis o que diz o Senhor a Chebna, administrador do palácio: “Vou expulsar-te do teu cargo, remover-te do teu posto. E nesse mesmo dia chamarei o meu servo Eliacim, filho de Elcias. Hei de revesti-lo com a tua túnica, hei de pôr-lhe à cintura a tua faixa, entregar-lhe nas mãos os teus poderes. E ele será um pai para os habitantes de Jerusalém e para a casa de Judá. (..). Fixá-lo-ei como uma estaca em lugar firme e ele será um trono de glória para a casa de seu pai”»
(Is 22, 19-21.23)

«Como é profunda a riqueza, a sabedoria e a ciência de Deus! Como são insondáveis os seus desígnios e incompreensíveis os seus caminhos! Quem conheceu o pensamento do Senhor? Quem foi o seu conselheiro? Quem Lhe deu primeiro, para que tenha de receber retribuição?»
(Rm 11, 33-36)

«Naquele tempo, Jesus (...) perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do homem?” Eles responderam: “Uns dizem que é João Baptista, outros que é Elias, outros que é Jeremias ou algum dos profetas”. Jesus perguntou: “E vós, quem dizeis que Eu sou?”. Então, Simão Pedro tomou a palavra e disse: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue que to revelaram, mas sim meu Pai que está nos Céus. Também Eu te digo: Tu és Pedro; sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos Céus”.»

(Mt 16, 13-19)



este último domingo de Agosto, as leituras falam sobre o poder dos homens e o poder de Deus. E o poder dado por Jesus de religar os céus e a terra através desse amor maior, que é o amor de Deus! E, como tal, são muito desafiantes!

A primeira leitura fala-nos da destituição de Chebna, que usou o seu poder enquanto administrador do palácio, em seu benefício e dos seus interesses. E Deus mostra-nos que todos os nossos actos têm consequências, por isso, diz-lhe "Vou expulsar-te do teu cargo, remover-te do teu posto". E despoja-o de todos os símbolos de poder, da túnica, da faixa, das chaves que permitem abrir e fechar portas ... Temos tendência para dar quase tudo por adquirido, mas e se, por algum motivo, perdermos o que construímos, seremos capazes de recomeçar? Seremos capazes de nos despojarmos do nosso poder ?

Chebna foi substituído por Eliacim de quem Deus diz que exercerá o seu poder como um pai que se preocupa com os seus filhos, com justiça, que será "uma estaca em lugar firme". Vemos tantos exemplos à nossa volta de pessoas que exercem a sua autoridade, o seu poder, com orgulho, de forma egoísta, sem respeito nem consciência! O poder deve ser exercido como um serviço à comunidade, tendo em vista o bem comum. Implica conduzir e orientar, com cuidado, bondade, compreensão, tolerância e misericórdia. Guiar com amor!

Temos o poder de irmãos, como elos que, entrelaçados e interligados, compõem uma corrente de fé! É bom alimentar esta humildade e tentar dar o melhor de nós, com confiança. Não somos uma coisa só, nem somos só o que temos. Por vezes, é verdade, confundimos as prioridades e vencem as futilidades.

O Senhor convida-nos a escolher bem as estacas onde nos apoiamos, os valores que nos norteiam.

Jesus, Tu que és a minha bússola, ajuda-me a discernir: tenho poder? Como uso esse poder? Como gostarias que usasse esse poder que tenho, Pai?

- Jesus, defino as minhas prioridades? E o que faço, define-me?
- Jesus, será que escolho bem as estacas onde me seguro? A Fé é para mim uma estaca?

Na segunda leitura São Paulo "reconhece estar cego e começa a ver". A sua conversão e transformação, apesar de tardia, foi muito frutífera. Viveu a sua vida a um ritmo comunitário e deu amplidão ao cristianismo.

São Paulo convida-nos a admirar e a contemplar a riqueza, a sabedoria e o conhecimento de Deus. E mostra-nos que os desígnios de Deus vão muito para além do nosso entendimento... Deus é sempre mais!

E desafia-nos a conhecer este Deus desconcertante. Deus é onipotente, indefinível, inexplicável, incompreensível, incontrolável e cheio de amor. E interpela-nos: Segue-o! Segue a Sua luz! Dá-lhe a mão! Acolhe a Sua Palavra! Sente o seu abraço! Mergulha no seu mistério! É um mar ondulado, de águas límpidas. Nunca mais estarás só! Recebe a Sua vida, o Seu alimento, o Seu afeto, e tudo se tornará mais leve, mais completo. Se ficares alerta e atento, escutarás melhor e verás os sinais. Aceita os Seus chamamentos, porque Ele cumpre sempre as Suas promessas. Se te distraíres, Ele perdoa!

Deus Pai, entrego-me totalmente nas Tuas mãos? Sem medo? Ou tento encontrar lógica neste amor?

E chegamos ao Evangelho de hoje.

Jesus, pressentindo o seu destino de Cruz, questiona-nos quem é Ele para nós? Alguns discípulos, talvez mais presos ao passado, ficam agarrados às suas certezas e preconceitos e não interiorizam a originalidade e profundidade de Jesus. Mas Pedro, que é um dos pobres e simples abertos aos desafios de Deus, responde : "Tu és o Messias, Filho de Deus vivo".

A clareza da fé de Pedro faz com que seja a rocha onde Jesus edifica a Igreja, uma comunidade de discípulos que testemunham a sua proposta profética e missionária, que acolhe, renova e encaminha quem acredita nos seus ensinamentos.

Jesus confia as chaves a Pedro, concedendo-lhe o poder de ligar e desligar. Desafiando-o a exercer o poder como Eliacim, o administrador da 1ª Leitura, “para ser uma estaca em lugar firme”... Jesus deixou a sua pegada e acendeu a esperança em muitos corações, incluindo o nosso.

Jesus, como uso eu este poder que me dás de religar os céus e a terra através desse amor maior a que nos chamas?



*"Onde o amor impera, não há desejo de poder,
E onde o poder predomina, há falta de amor,
Um é a sombra do outro."*

(Carl Jung)

*"Deus é amor,
Atreve-te a viver por amor,
Deus é amor,
Nada a temer!"*

(Música e letra: Taizé)

parte II

Neste Caderno, resolvemos centrar-nos na JMJ.

Como se diz, no início deste Caderno, “Está para chegar um Verão surpreendente!”.

2023 será para nós um Verão ímpar, excepcional, histórico: vai realizar-se em Lisboa um grandioso evento! Nem o Euro 2004, nem qualquer edição do Rock in Rio ou da Web Summit trouxeram tanta gente à capital.

A Expo 98 teve mais participantes, evidentemente, mas decorreu ao longo de meses, não no curto espaço de uma semana.

Contudo, o importante não é o número, mas o que cada um vai viver, experimentar, usufruir ao longo desses dias, é o encontro de cada pessoa consigo, com outros e com Deus. No site da JMJ lê-se “A Jornada Mundial da é um encontro dos jovens de todo o mundo com o Papa. É, simultaneamente, uma peregrinação, uma festa da juventude, uma expressão da Igreja universal e um momento forte de evangelização do mundo juvenil”. É um “laboratório de fé” e “visa proporcionar a todos os participantes uma experiência de Igreja universal”. É um “novo impulso à fé, à esperança e à caridade de toda a comunidade do país de acolhimento”.

Nem todos teremos oportunidade de participar fisicamente. Mas iremos, certamente, poder acompanhar os diversos momentos, através dos media e muito, muito, muito, a partir de já, com a nossa oração.

Explorámos o site da JMJ Lisboa e deixamos ficar uma pequena amostra do que poderão encontrar em

<https://www.lisboa2023.org/pt>

Bom Verão!

Boa JMJ!

Boa oração!

Mensagem do Santo Padre Francisco para a XXXVII Jornada Mundial da Juventude 2023

«Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39)

Queridos jovens

O tema da JMJ do Panamá era este: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra».

Depois daquele evento, retomamos o caminho para uma nova meta – Lisboa 2023 –, deixando ecoar nos nossos corações o premente convite de Deus a levantar-nos.

Em 2020, meditamos nesta palavra de Jesus: «Jovem, Eu te digo, levanta-te!» (cf. Lc 7, 14).

No ano passado, serviu-nos de inspiração a figura do apóstolo São Paulo, a quem o Senhor ressuscitado dissera: «Levanta-te! Eu te constituo testemunha do que viste» (cf. At 26, 16).

No troço de estrada que ainda nos falta para chegar a Lisboa, caminharemos juntos com a Virgem de Nazaré, que, imediatamente depois da Anunciação, «levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39) para ir ajudar a prima Isabel. Comum aos três temas é o verbo levantar-se, palavra (é bom lembrá-lo!) que significa também «ressuscitar», «despertar para a vida».

Nestes últimos tempos tão difíceis, em que a Humanidade, já provada pelo trauma da pandemia, é dilacerada pelo drama da guerra, Maria reabre para todos e em particular para vós, jovens como Ela, o caminho da proximidade e do encontro.

Espero e creio fortemente que a experiência que muitos de vós ireis viver em Lisboa, no mês de agosto do próximo ano, representará um novo começo para vós jovens e, convosco, para toda a Humanidade.

Maria levantou-se...

Depois da Anunciação, Maria teria podido concentrar-se em si mesma, nas preocupações e temores derivados da sua nova condição; mas não! Entrega-se totalmente a Deus! Pensa, antes, em Isabel.

Levanta-se e sai para a luz do sol, onde há vida e movimento.

Apesar do inquietante anúncio do Anjo ter provocado um «terramoto» nos seus planos, a jovem não se deixa paralisar, porque dentro d'Ela está Jesus, poder de ressurreição. Dentro d'Ela, traz já o Cordeiro Imolado mas sempre vivo. Levanta-se e põe-se em movimento, porque tem a certeza de que os planos de Deus são o melhor projeto possível para a sua vida.

Maria torna-se templo de Deus, imagem da Igreja em caminho, a Igreja que sai e se coloca ao serviço, a Igreja portadora da Boa Nova. (...)

...e partiu apressadamente

Santo Ambrósio de Milão escreve, no seu comentário ao Evangelho de Lucas, que Maria partiu apressadamente para a montanha, «porque estava feliz com a promessa e desejava de prestar devotamente um serviço, com o entusiasmo que lhe vinha da alegria interior.

Agora, cheia de Deus, para onde poderia apressar-se se não em direção ao alto?

A graça do Espírito Santo não admite morosidades». Por isso, a pressa de Maria é ditada pela solicitude do serviço, do anúncio jubiloso, duma pronta resposta à graça do Espírito Santo.

Maria deixou-se interpelar pela necessidade da sua prima idosa. Não se escusou, não ficou indiferente. Pensou mais nos outros do que em si mesma. E isto conferiu dinamismo e entusiasmo à sua vida.

Cada um de vós pode perguntar-se: como reajo perante as necessidades que vejo ao meu redor?

Busco imediatamente uma justificação para não me comprometer, ou interesse-me e torno-me disponível? É certo que não podeis resolver todos os problemas do mundo; mas, talvez possais começar por aqueles de quem está mais próximo de vós, pelas questões do vosso território. Uma vez disseram a Madre Teresa que «quanto ela fazia não passava dum gota no oceano». E ela respondeu: «Mas, se não o fizesse, o oceano teria uma gota a menos».

Perante uma necessidade concreta e urgente, é preciso agir apressadamente.

No mundo, quantas pessoas esperam uma visita de alguém que cuide delas!

Quantos idosos, doentes, presos, refugiados precisam do nosso olhar compassivo, da nossa visita, de um irmão ou uma irmã que ultrapasse as barreiras da indiferença! (...)

Todos juntos em Lisboa!

Maria era uma jovem como muitos de vós. Era uma de nós. (...)

Como recordei na primeira Mensagem desta trilogia, nos séculos XV e XVI, muitos jovens (incluindo tantos missionários) partiram de Portugal rumo a mundos desconhecidos, inclusive para partilhar a sua experiência de Jesus com outros povos e nações (cf. Francisco, Mensagem JMJ 2020).

E a esta terra, no início do século XX, Maria quis fazer uma visita especial, quando de Fátima lançou a todas as gerações a mensagem forte e maravilhosa do amor de Deus que chama à conversão, à verdadeira liberdade. (...)

Sonho, queridos jovens, que na JMJ possais experimentar novamente a alegria do encontro com Deus e com os irmãos e as irmãs.

Depois dum prolongado período de distanciamento e separação, em Lisboa – com a ajuda de Deus – reencontraremos juntos a alegria do abraço fraterno entre os povos e entre as gerações, o abraço da reconciliação e da paz, o abraço dum nova fraternidade missionária!

parte II _____ Mensagem para a XXXVII JMJ 2023 Papa Francisco

Que o Espírito Santo acenda nos vossos corações o desejo de vos levantardes e a alegria de caminhardes todos juntos, em estilo sinodal, abandonando falsas fronteiras.

O tempo de nos levantarmos é agora. Levantemo-nos apressadamente!

E, como Maria, levemos Jesus dentro de nós, para O comunicar a todos. Neste belíssimo momento da vossa vida, avançai, não adieis o que o Espírito pode realizar em vós! De coração abençoo os vossos sonhos e os vossos passos.

Roma, Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria, 15 de agosto de 2022

Mensagem completa disponível em [Vatican.va](https://www.vatican.va)



DEIXE A JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE ENTRAR EM SUA CASA

SEJA UMA DAS FAMÍLIAS DE ACOLHIMENTO DE PEREGRINOS

Inscreeva-se em lisboa2023.org

SANTARÉM
LISBOA
SETÚBAL

JMJ LISBOA 2023

REPUBLICA PORTUGUESA
LISBOA
LOURES
CASCAIS
OBRAS VARIAS
FUNDOS FEDERATIVOS
FUNDACAO
JREO

HISTÓRIA DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) nasceu no contexto da celebração do ano Santo da Redenção, quando o Papa São João Paulo II convidou os jovens de todo o mundo a viverem o Jubileu Internacional da Juventude.

Este jubileu, celebrado no Domingo de Ramos de 1984, reuniu cerca de 250.000 jovens de diversos países.

Nesse mesmo ano, o Papa São João Paulo II entregou aos jovens a Cruz do Ano Santo, uma cruz de madeira de 3,8 metros, convidando-os a levá-la ao mundo, como sinal de redenção:

«Queridos jovens, no final do Ano Santo confio-vos o sinal deste Ano Jubilar, a Cruz de Cristo!

Levai-a pelo mundo como sinal do amor de Nosso Senhor Jesus Cristo pela Humanidade e anunciai a todos que só em Cristo morto e ressuscitado está a salvação e a redenção».



Com este gesto, o Papa quis sublinhar o protagonismo dos jovens na evangelização do mundo contemporâneo na linha das palavras que lhes dirigira no início do pontificado: «Sois a esperança da Igreja, sois a minha esperança».

A experiência foi de tal modo significativa para toda a Igreja que o Papa resolveu repeti-la no ano seguinte, em 1985, Ano Internacional da Juventude.

Nesse encontro, 300.000 jovens repartiram-se entre as igrejas da cidade para os diferentes momentos de oração e catequese, reunindo-se, depois, na Praça de São Pedro para participar numa celebração com o Santo Padre.

Nesse ano, o Papa escreve uma Carta Apostólica aos jovens do mundo inteiro e anuncia a instituição da Jornada Mundial da Juventude.

O Papa explicava os motivos da criação da JMJ, da seguinte forma:

“Todos os jovens devem sentir-se acompanhados pela Igreja: é por isso que toda a Igreja, em união com o Sucessor de Pedro, se sente mais comprometida, a favor da juventude, das suas preocupações e pedidos, da sua abertura e esperanças, para corresponder às suas aspirações, comunicando a certeza que é Cristo, a Verdade que é Cristo, o amor que é Cristo, através de uma formação apropriada”.

O Papa dava a entender o importante lugar que tinham os jovens para a Igreja e para o mundo no umbral do terceiro milénio.

A JMJ tem mostrado o rosto jovem da Igreja e apresentado o rosto de Cristo aos jovens.

(...) Após a celebração da primeira Jornada Mundial da Juventude nas dioceses em 1986, no ano seguinte iniciou-se uma peregrinação pelo mundo inteiro que dura até aos dias de hoje.

Desde a primeira grande edição internacional da Jornada Mundial da Juventude em Buenos Aires (1987), passando pelas restantes edições – Santiago de Compostela 1989, Czestochowa 1991, Denver 1993, Manila 1995, Paris 1997, Roma 2000, Toronto 2002, Colónia 2005, Sidney 2008, Madrid 2011, Rio de Janeiro 2013, Cracóvia 2016, Panamá 2019 – os jovens têm percorrido o mundo inteiro, transportando a esperança e a alegria que é Cristo.

https://epjmj2023qablob-gmehapawbmdqb2cb.z01.azurefd.net/blbqajmj2023/assets/Fundamento Teologico JMJ Lisboa 2023 b2529ac58d.pdf?updated_at=2022-12-16T16:31:19.069Z

AS JMJ SÃO UM SINAL

As JMJ não são o princípio (esse é, acabamos de ver, a iniciativa que Deus tem de amar-nos na pessoa de Jesus), nem são a finalidade (esse é, veremos, o protagonismo de Jesus na história). Mas tal como os pastores em relação ao presépio o fizeram, e Maria em relação à gravidez de Isabel o realizou, as JMJ funcionam como um sinal. E a verdade é que nós precisamos de sinais, pois eles confirmam e consolidam a nossa fé, dão ânimo ao nosso caminho de esperança, inspiram o nosso compromisso de amor. D. Joaquim Mendes, falando sobre as Jornadas de Lisboa, referiu-se a elas como «um grande sinal para o mundo de esperança na juventude». Maria levantou-se e partiu para contemplar e fazer parte do sinal que dava evidência à atuação de Deus na história. E é um desejo semelhante, uma fome de tocar e de ser um sinal que levará jovens de todo o mundo a Lisboa.

Recordo, por exemplo, os testemunhos que li de jovens portugueses acerca do sinal que para eles constituíram as JMJ do Panamá. O testemunho do Joaquim Goes: «Éramos todos diferentes – eu nunca tinha estado, por exemplo, com pessoas da Guatemala ou de El Salvador, países que nós ouvimos falar, mas que nem sabemos bem a realidade que lá se vive –, mas todas essas diferenças, ali, se desvaneciam para vivermos juntos aquele momento. O Papa fez questão de lembrar isso: nós somos muitos diferentes, de origens e culturas diferentes, mas ali éramos todos iguais, não havia diferenças perante Cristo. Perante Deus, não há diferenças». O testemunho da Rita Rito: «Andava numa fase de busca dos meus alicerces e daquilo que queria para a minha vida. A JMJ ajudou a confirmar que queria Deus». O testemunho da Margarida Patrocínio: «Precisamos de um abanão de fé. Precisamos de seguir mais a Cristo».

Mas como é que as JMJ podem ser um sinal? Certamente não à maneira do enésimo festival da juventude, nem situando-se numa lógica de um mega-acontecimento pontual que deixa tudo como está. Penso que a única forma fecunda de as JMJ serem um sinal profético é atualizando no coração dos jovens a consciência de que eles próprios são um sinal. Como

afirma o Concílio Vaticano II, «a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (L.G., 1). E como explica o Catecismo da Igreja Católica, «incorporado em Cristo pelo Batismo, o batizado é configurado com Cristo» (n. 1272) e participa «no sacerdócio de Cristo, na sua missão profética e real» (n. 1268). Os jovens são o verdadeiro sinal. E todos juntos sinalizam a força do Evangelho, uma esperança que o mundo não pode ignorar.

É fundamental que as JMJ recordem e avivem em cada jovem cristão a sua condição de sinal. Não podemos ser cristãos de bancada ou de sofá. Isso em que insiste o Papa na Exortação Apostólica «Christus vivit»: «Jovens, não renunciéis ao melhor da vossa juventude, não fiqueis a observar a vida da sacada. Não confundais a felicidade com um sofá nem passeis toda a vossa vida diante dum ecrã... Não aceiteis viver com a alma anestesiada, nem olheis o mundo como se fôsseis turistas. Fazei-vos ouvir! Lançai fora os medos que vos paralisam, para não vos tornardes jovens mumificados. Vivei! Entregai-vos ao melhor da vida!» (n. 143).

Hoje, na paisagem do mundo, os jovens cristãos são chamados a ser um sinal, a representar a condição de uma pergunta, a serem sal e fermento na massa, credíveis sentinelas da aurora.

COMPROMETIDOS COM O PROTAGONISMO DE JESUS NA HISTÓRIA

Quando Maria se levanta e parte o que é que descobre? Descobre a beleza do protagonismo de Deus na história. Como lhe diz Isabel, ela é de facto feliz porque acreditou. Maria relê toda a sua história e a história do seu povo como uma história de salvação, onde é possível detetar a cada momento a fidelidade de Deus. E, por isso, Maria pode cantar no seu cântico de louvor a desfatalização da história que Deus opera através do Seu Filho. Temos razões para crer. Temos razões para cantar.



Maria ajuda-nos, no fundo, a ver como em cada um de nós confluem todas as promessas de Deus, todos os sonhos, todas as misericórdias. E como somos herdeiros e transmissores da vida divina. Como é fundamental que, acolhendo o exemplo de Maria, os jovens se comprometam com o protagonismo de Jesus na história, que é a alavanca e o motor da esperança.

Que isso em grande parte já acontece prova-o o sonho das JMJ de 2023, em Lisboa. Gostei muito de ouvir D. Manuel Clemente descrevê-lo assim: «estas jornadas em Lisboa devem-se, sobretudo, ao movimento grande dos jovens católicos de Portugal, que, de várias maneiras, de há uns anos a esta parte, têm pedido que haja um acontecimento assim em Portugal». As JMJ já estão em marcha porque existe esse radioso compromisso em milhares de jovens. A tarefa é agora reforçar o compromisso e organizar o empenho, é mobilizar para dar corpo a este sonho. Que cada jovem se assuma como um incansável missionário de Jesus junto de todos, especialmente junto dos outros jovens; que todos os ambientes juvenis (família, amigos, escola e universidade, trabalho, realidades de vida cristã, vida social...) sejam alcançados pela boa-nova; que o entusiasmo se torne efetivo e transbordante.

Que a urgência que apressou o passo de Maria deflagre também em nós como uma alegria que cresce e que já nada pode travar.

Termino esta catequese com palavras do comentário de Santo Ambrósio à cena da Visitação, donde provém o lema que nos guiará até Lisboa. Santo Ambrósio escrevia: «Vede bem que Maria não duvidou... e por isso obteve o fruto da sua fé. *Feliz és tu porque acreditaste*. Mas felizes sereis também vós se tendo ouvido, acreditardes. Pois cada alma que acredita, concebe e gera o Verbo de Deus».

É essa agora a nossa tarefa.

Excerto do artigo: «Os desafios do lema das JMJ de Lisboa»
D. José Tolentino Mendonça - Roma, 21 de novembro 2020



Programa da Visita Apostólica de Sua Santidade
o Papa Francisco a Portugal por ocasião da
Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023

Quarta-feira, 2 de agosto

Roma – Lisboa

07h50 Partida de avião do Aeroporto Internacional de Roma/Fiumicino para Lisboa

10h00 Chegada à Base Aérea de Figo Maduro, em Lisboa

10h00 **Receção Oficial**

10h45 **Cerimónia de Boas-Vindas**, na entrada principal do Palácio Nacional de Belém

11h15 **Visita de Cortesia ao Presidente da República**, no Palácio Nacional de Belém

12h15 **Encontro com as Autoridades, a Sociedade Civil e o Corpo Diplomático**, no Centro Cultural de Belém

16h45 **Encontro com o Primeiro-Ministro**, na Nunciatura Apostólica

17h30 **Vésperas com os Bispos, Sacerdotes, Diáconos, Consagrados e Consagradas, Seminaristas e Agentes Pastorais**, no Mosteiro dos Jerónimos

Quinta-feira, 3 de agosto

Lisboa – Cascais – Lisboa

09h00 **Encontro com os Jovens Universitários**, na Universidade Católica Portuguesa

10h40 **Encontro com os Jovens de *Scholas Occurrentes***, na sede de *Scholas Occurrentes* de Cascais

17h45 **Cerimónia de Acolhimento**, na Colina do Encontro (Parque Eduardo VII)

Sexta-feira, 4 de agosto

Lisboa

09h00 **Confissão de alguns Jovens da JMJ**, na Cidade da Alegria (Jardim Vasco da Gama)

09h45 **Encontro com os Representantes de alguns Centros de Assistência Socio-Caritativa**, no Centro Paroquial de Serafina

12h00 **Almoço com os Jovens**, na Nunciatura Apostólica

18h00 **Via-Sacra com os Jovens**, na Colina do Encontro (Parque Eduardo VII)

Sábado, 5 de agosto

Lisboa – Fátima – Lisboa / Loures

08h00 Partida de helicóptero da Base Aérea de Figo Maduro, em Lisboa, para Fátima

08h50 Chegada ao Estádio de Fátima

09h30 **Recitação do Terço com os Jovens Doentes**, na Capelinha das Aparições do Santuário de Nossa Senhora de Fátima

11h00 Partida de helicóptero, do Estádio de Fátima, para Lisboa

11h50 Chegada à Base Aérea de Figo Maduro, em Lisboa

18h00 **Encontro privado com os membros da Companhia de Jesus**, no Colégio de S. João de Brito

20h45 **Vigília com os Jovens**, no Campo da Graça (Parque Tejo)

Domingo, 6 de agosto

Lisboa / Loures – Oeiras – Roma

09h00 **Santa Missa para o Dia Mundial da Juventude**, no Campo da Graça (Parque Tejo)

16h30 **Encontro com os Voluntários da JMJ**, no Passeio Marítimo de Algés

17h50 **Cerimónia de Despedida**, na Base Aérea de Figo Maduro, em Lisboa

18h15 Partida de avião da Base Aérea de Figo Maduro, em Lisboa, para Roma

22h15 Chegada ao Aeroporto Internacional de Roma/Fiumicino!

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario

Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38º 49' 15''; W 9º 17' 25''

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21

795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com

